



ESTADOS UNIDOS

Donald Trump invoca a Quinta Emenda à Constituição e se nega a responder perguntas sob juramento, em investigação civil sobre fraudes financeiras nos negócios da família. Depoimento ocorreria dois dias depois de buscas em mansão

Entrou mudo e saiu calado

» RODRIGO CRAVEIRO

Dois dias depois de o FBI — a polícia federal dos EUA — realizar buscas e apreensão de 15 caixas de documentos em sua mansão de Mar-a-Lago, na Flórida, o ex-presidente republicano Donald Trump se recusou a responder às perguntas feitas por advogados do gabinete da procuradora-geral de Nova York, Letitia James. O magnata é alvo de uma investigação civil por suposta fraude financeira nos negócios da família. “Me recusei a responder às perguntas em virtude dos direitos e prerrogativas outorgadas a todos os cidadãos pela Constituição dos Estados Unidos. Uma vez perguntei: ‘Se você é inocente, por que está invocando a Quinta Emenda?’ Agora sei a resposta. Quando sua família, sua empresa e todas as pessoas de seu entorno se transformam em alvo de uma caça às bruxas infundada e politicamente motivada, com apoio de advogados, procuradores e meios de comunicação falsos, não há outra opção”, afirmou Trump, em nota.

O ex-presidente destacou que, se tinha algum questionamento interno, as buscas em Mar-a-Lago “eliminaram qualquer dúvida”. Pouco antes de deixar a Trump Tower e se dirigir ao escritório de Letitia James, o magnata publicou na Truth Social, a rede social criada por ele mesmo: “Estou vendo (Letitia) James como a continuação da maior caça às bruxas da história dos EUA! Minha grande companhia, e eu mesmo, sendo atacados por todos lados. República de Banana!”. Ele acusou a procuradora-geral de Nova York de ser “racista” e de utilizar uma ação judicial para derrubá-lo politicamente.

Trump também sugeriu que o FBI possa ter “plantado evidências” em Mar-a-Lago. “O FBI e outros do governo federal não permitiram que ninguém, incluindo meus advogados, ficasse perto das áreas vasculhadas e examinadas durante a batida em Mar-a-Lago. Todos foram convidados a deixarem o local, sem nenhuma testemunha para ver o que faziam, pegavam, ou, espero que não, ‘plantavam’”, escreveu em sua rede social.

AFP



Complô do Irã contra Bolton

Os Estados Unidos revelaram um plano iraniano para assassinar John Bolton, ex-conselheiro de Segurança Nacional de Donald Trump, e anunciaram acusações contra um membro da Guarda Revolucionária Islâmica. O Departamento de Justiça afirmou que Shahram Poursafi, de 45 anos, também conhecido como Mehdi Rezayi, ofereceu US\$ 300 mil (cerca de R\$ 1,5 milhão) a uma pessoa nos Estados Unidos para matar Bolton, também ex-embaixador nas Nações Unidas durante o governo de George W. Bush.

O plano, aparentemente, buscava vingar a morte de Qasem Soleimani, figura proeminente e comandante da Guarda, eliminado, em 3 de janeiro de 2020, no aeroporto de Bagdá, em um ataque com drone norte-americano. A trama foi revelada às autoridades pela pessoa que deveria matar Bolton, cuja identidade não foi divulgada.

De acordo com a nota, entre outubro de 2021 e abril de 2022, Poursafi entrou em contato com essa pessoa por meio de mensagens criptografadas, instruindo-a a localizar, fotografar e depois assassinar Bolton. Ele ordenou que a pessoa abrisse uma conta em criptomoedas e depois lhe deu o endereço de Bolton, a fim de colocar o plano em prática antes do primeiro aniversário da morte de Soleimani.

O poderoso general iraniano, o arquiteto da estratégia do Irã no Oriente Médio, era o chefe da Força Quds, a unidade encarregada das operações estrangeiras dentro da Guarda Revolucionária. Após a data do primeiro aniversário, Poursafi continuou a pressionar a fonte para assassinar Bolton, prometendo outro contrato de US\$ 1 milhão se a operação fosse bem-sucedida. Se for preso, o que é improvável, já que parece estar no Irã, Poursafi pode pegar até 25 anos de prisão nos Estados Unidos.



Logan Cyrus/AFP

O que diz o texto

“Nenhuma pessoa será detida para responder por crime capital, ou outro crime infame, a não ser sob apresentação ou acusação de um Grande Júri, exceto em casos ocorridos nas forças terrestres ou navais, ou na Milícia, quando em serviço efetivo em tempo de guerra ou em perigo público; nem qualquer pessoa será sujeita, pelo mesmo crime, a ser colocada duas vezes em perigo de vida ou de integridade; nem será obrigada, em qualquer processo criminal, a ser testemunha contra si mesma, nem ser privada de vida, liberdade ou propriedade, sem o devido processo legal; nem a propriedade privada será tomada para uso público, sem a justa compensação.”

James Green, historiador político da Universidade Brown (Rhode Island), acredita que Trump tentará postergar ao máximo o processo criminal, antes de apelar à Suprema Corte. “O ex-presidente crê que isso possa se arrastar por dois ou três anos. Por isso ele ficou em silêncio. É importante lembrar que Trump sempre criticou outros investigados que se recusaram a responder a perguntas da Justiça e dizia que isso era uma maneira de esconder a verdade. Ele faz exatamente o contrário de tudo o que criticou”, disse à reportagem.

Ironia

Ex-procuradora dos EUA para o Distrito Leste de Michigan e professora de direito da Universidade de Michigan, Barbara McQuade concorda com Green. “Não há nada de errado em uma pessoa invocar o seu direito à auto-incriminação, garantido pela Quinta Emenda. No entanto, Trump historicamente tem dito que apenas criminosos aceitam a Quinta Emenda. Então, acho que há uma ironia aí”, afirmou ao **Correio**. “Em um caso civil, um investigador pode fazer

Eu acho...

Scott C. Soderberg



o próprio Trump disse uma vez, ele poderia ficar no meio da Quinta Avenida, atirar contra alguém e não perder nenhum simpatizante.”

Barbara McQuade, ex-procuradora dos Estados Unidos para o Distrito Leste de Michigan e professora da Faculdade de Direito da Universidade de Michigan

inferência sobre qual teria sido a resposta a uma pergunta.”

Ao comentar as buscas na mansão de Mar-a-Lago, McQuade admite ser difícil estabelecer se a operação resultará em acusações criminais. “Um mandado de busca significa que um juiz encontrou uma causa provável de que um crime foi cometido, mas não que as acusações serão apresentadas. Pode ser que o governo apenas queira os documentos de volta, por serem sensíveis. Mas, há possibilidade de Trump ser acusado de manuseio incorreto de documentos.”

A ex-procuradora disse que Trump, aparentemente, é investigado pela invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. Nesse caso, explica McQuade, o republicano pode enfrentar acusações graves, como conspiração para obstruir um processo oficial — punível com até 20 anos de prisão. “Um estatuto federal que cobre a remoção de documentos governamentais prevê que o réu seja desqualificado de exercer o cargo no futuro. Como a presidência é definido pela Constituição, parece improvável que esse estatuto seja aplicável”, observou.

UCRÂNIA

Bombardeios ameaçam usina nuclear

A Ucrânia acusou a Rússia de realizar ataques que mataram 14 civis em áreas próximas à central nuclear de Zaporizhzhia, controlada pelas forças da Rússia desde março. O G7 — grupo das principais economias do mundo — afirmou que o controle russo da central nuclear, a maior da Europa, “coloca a região em perigo”.

Dnipropetrovsk, a área bombardeada durante a madrugada, é uma região no centro-este ucraniano até agora relativamente segura, para onde civis do Donbass (leste) estão sendo levados. Rússia e Ucrânia se acusam mutuamente pelos ataques aos arredores da central nuclear que deixaram 11 feridos, cinco em estado grave, informaram as autoridades.

“Passamos uma noite horrível (...) É muito difícil retirar os corpos dos escombros”, afirmou o governador Valentin Reznichenko em uma mensagem divulgada no Telegram. “Peço que todos sigam para locais seguros durante o ataque aéreo (...) Não deixem que os russos os matem”, acrescentou.

O balanço inclui também uma mulher que morreu no bombardeio de Kushuhum, uma cidade na região de Zaporizhzhia. O chefe do conselho regional, Mikola Lukashuk, disse que os ataques afetaram diretamente uma estação elétrica local, deixando milhares de pessoas sem eletricidade.

Ed Jones/AFP - 27/4/2022



Vista da central de Zaporizhzhia, em região controlada pelos russos

Morador de Zaporizhzhia, o advogado Hryhorii Nemchenko, 31 anos, disse ao **Correio** que as tropas russas alvejaram a infraestrutura próxima à central nuclear, mas garantiu que a situação está sob controle. “No entanto, há tensão na cidade. O perigo nuclear paira sobre a Ucrânia e sobre toda a Europa. Afinal, a central de Zaporizhzhia é controlada por forças de ocupação, que não entendem a escala de um possível desastre atômico. Esta é a maior usina nuclear da Europa”, observou. “Acho que Moscou utiliza a usina como ferramenta de chantagem. Isso porque parte da Rússia também sofreria as consequências do vazamento de radiação.”

Medo

As tensões reavivaram o fantasma da catástrofe de Chernobyl, o pior acidente nuclear da história, que aconteceu em 1986 em uma central soviética no território da Ucrânia. A operadora ucraniana Energoatom afirmou que as forças russas tentavam restabelecer a conexão terrestre entre a central de Zaporizhzhia e a Crimeia.

Os bombardeios em Dnipropetrovsk foram lançados um dia depois de uma grande explosão em um aeródromo militar na península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014. Moscou insiste que as explosões foram causadas por munições e não por tiros ucranianos. Kiev não desmentiu até agora essa versão.